

17. IV

12

A

C.D. 902.01 FS

SUA Magestade Imperial  
**ALEXANDRE I.,**  
 O TRIUNFADOR.

**O D E**

*Pelo Decreto em que determina se edifique em Petersburgo hum  
 Templo a Deos em reconhecimento das victorias  
 que alcança.*

---

P O R

J O S E ' A G O S T I N H O D E M A C E D O .



N.º 2725

L I S B O A :  
 N A I M P R E S S Ã O R E G I A .

---

1813.

*Com Licença.*

SUA MAGESTADE IMPERIAL

ALEXANDRE I.

O TRIUNFADOR

O D E

Este Decreto em que se termina se editou em Petersburgo em  
Tanto a Dios en reconocimiento das virtudes  
que alicor...

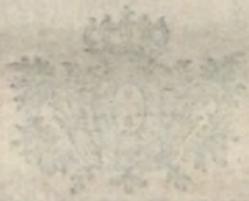
Quo justior alter

Nec pietate fuit, nec maior bello, et armis.

FOR

Virg. En. Liv. I.

JOSE GOSTIHO DE MAGDO.



L I B R O A :  
NA IMPRESSÃO REGIA

1813.

Com Licença

## P R E F A Ç Ã O.

**E**M todos os quadros que me offerece a Historia das Nações, antes e depois do estabelecimento do Christianismo, quadros medonhos, e espantosos da guerra, poucas são as vezes em que eu deixe de observar em hum conflicto de ambos os lados o vicio armado, e combatente; a furia da ambição, e da vingança quasi sempre animou duas Nações belligerantes: só o ultimo destes quadros, que he o que temos presente, me offerece hum singular duélo. D'hum lado está o crime sem máscara, e d'outro a virtude sem mistura. Os Romanos defendêrão-se de Annibal na Italia; mas os Romanos erão culpados das injustas invasões na Africa; a injuria era reciproca, e o crime identico. Depois disto todas as Nações, que penetrarão na Italia, hião vingar injurias, que em seu paiz tinham recebido dos inquietos e orgulhosos Romanos. Não houve até agora monstros tão criminosos na terra como os Francezes. Podem embuçar a pérfida invasão de Portugal no véo da nossa nunca interrompida alliança com a Grã-Bretanha: mas a invasão na Russia he hum attentado sem rebuço, e o Attila Corso confessou que era huma guerra da sua politica. A reacção da Russia he hum acto de pura virtude. Isto que se observa em a causa geral, muito mais se descobre em particular, quando se considera Alexandre e Bonaparte: confron-

tem-se os caracteres d'ambos, ver-se-ha verdadeiramente o duélo da virtude, e do crime, da piedade, e da irrelição; e [para me explicar por huma imagem] do Ceo, e do Inferno. De que se lembraria Bonaparte se fosse Vencedor? A quem levantaria sua vaidade, senão a si mesma, hum monumento? Este malvado vence a batalha convencional de Marengo, e manda vir de Italia o Escultor Canóva para o effigiar em huma estatua colossal de vinte pés de altura. Alexandre vence, supplanta, destroe, anniquila este monstro, e manda que, em agradecimento do maior triumpho que os seculos vírão, se levante hum Templo a Deos no meio da Capital do seu Imperio. Este tão illustre monumento da virtude, assim como attrahe a benção do Ceo sobre o Grande Alexandre, deve fixar a admiração, e respeito de todos os homens, se he que ainda ha verdadeira Filosofia na Terra!!

Já que eu (ah! tão ignorado no Mundo!) não tenho meios de pôr aos pés de Alexandre, como desejava, e como podia, huma Inscriptão na lingua dos Romanos, para se gravar na fachada deste Templo, testemunho de sua Imperial Piedade; consolo-me de offerecer aos Portuguezes huma Ode em que me parece celebrar dignamente mais este Brazão do *Espirito do Christianismo*.

## O D E.

## I.

**E**u de novo outra vez da eburnea Lyra,  
 Portentoso Alexandre, as cordas firo;  
 Eis do Olympo estellante hum Anjo, os ares  
 Co' as aureas pennas dividindo, eu vejo;  
     Elle teu voto augusto  
 Ao throno conduzio do Arbitro Eterno:  
 Elle desperta na minha alma a chamma,  
     Que do Jordão nas margens  
 Os sons divinizou d'Arpa divina

## II.

Cesse a profana voz; do esteril Pindo  
 Não vou colher, não vou, caducos louros;  
 As Canções do Sinay, do Idume as Palmas  
 São dignas só de ti, Monarca excelso:  
     Libertador da Terra,  
 Qual Machabeo valente, a Deos consagras  
 De mais profano Antiocho os despojos,  
     E das Nações vencidas  
 Dos Mundos ao Motor só dás a glória!

## III.

Fastos revolvo universaes da Terra,  
 Nenhum feito maior, mais alto encontro;  
 Tu, novo Josué, barbaros monstros  
 Vences co' a espada, e frente aos Ceos erguida.  
     Se a fulgida carroça,  
 Fluctuando no espaço, o Sol suspende,  
 E do Hebreo conductor dá tempo aos louros;  
     A mesma Natureza,  
 Porque lho manda o seu Author, te acode.

## IV.

Do Pólo, Imperio teu, gelado, e duro,  
 Sahe, que espantoso! c' os tufões o Inverno!  
 Sereno estava o Ceo, sereno o dia;  
 Eis sombra repentina, eis gêlo, eis raios  
     Nas sacrilegas Hostes  
 Cahem, mas respande de teu lado o Olympo!  
 Por ti milita o Ceo, o éther milita,  
     E os conjurados ventos  
 Correm aos éccos das trombetas tuas.

## V.

Assim penhascos das volantes nuvens  
 Nos inimigos do Senhor cahirão!  
 Então dèspes a espada, e os aureos freios  
 Ao teu Ginete impetuoso bates:  
     Rios de quente sangue  
 Começão de extinguir súbito as chammas  
 Da abrazada Moscow, vingá-se o Eterno.  
     Das fumegantes cinzas  
 Dos Templos sahe a Morte, e a lança enrista.

## VI.

Como o diluvio universal de corpos  
 Deixa, fugindo o mar, coberta a terra;  
 Assim tu vais deixando, e as Hostes tuas,  
 Teu profahado Imperio, então coberto

D'estragos, e ruínas:

Rios gelados, pavorosos bosques,  
 Altas montanhas, e profundos valles

Vais cortando, alastrados

De extinctos corpos, de silencio, e morte!

## VII.

Quaes de Siêné os estuantes ermos  
 Rodando observão turbilhões de aréas  
 S' Austro ventila as estridentes azas,  
 Dispersas vão do ar no ambito immenso:

Os esquadrões soberbos

Ante teu rosto assim timidos fogem;  
 Dás hum só passo mais, o Imperio he livre;

Dos Ceos a Liberdade,

Dos Ceos a gloria para os homens descem.

## VIII.

Pizas a extrema raia, os olhos volves  
 A' Patria alegre, e libertada, e basta  
 Teus olhos fallão, por milhões te acodem  
 Té moradores da Tartaria extrema,

Que Asia immensa subjugão,

Quando dos gêlos paternaes se lanção.  
 Se dar hum novo throno aos Chins poderão,

São teus, Senhor, e manda

Que dêem da Gallia afflicta ao Rei seu throno.

## IX.

Já pizas campos, que o teu Sceptro querem,  
 E tu não queres mais que as benções delles;  
 Tens a teus pés o Sárмата potente;  
 Deslizas hum sorriso, ergue-se hum throno!  
     Do Baltico os Emporios  
 Abrem-te as portas, e abre-se o Commercio:  
 Ouve-te o Globo a voz, e ambos os Mundos  
     De peregrinas mérces,  
 Primicias a teu solio, as náos te envião?

## X.

Recebem-te os Saxões; teu rosto assusta  
 Monarca escravo, que se arrastra, e foge;  
 He teu triunfo hum bem, que ingrato ignora.  
 Tu na victoria a Liberdade trazes!  
     Eis se divide o Oder,  
 Eis passa a tua triumphal Carroça!  
 O' do Grão Friderico augusta próle,  
     Sabe que és Rei, que és livre;  
 Onde chega Alexandre os Reis são grandes!

## XI.

Oh prodigio maior! Vencer mil Póvos  
 Sesostris, Cyro, Mithridates pôde!  
 Pôde cravar as triunfaes bandeiras  
 Sobre as margens do Hydaspe outro Alexandre!  
     E desde o Téjo ao Nilo  
 Pôde Cesar levar Romanas Aguias:  
 Porém, soberbos, por seu braço julgão  
     Colhido o eterno louro:  
 A ti n'alta victoria hum Deos só lembra!

## XII.

A meus olhos se sólta o véo profundo,  
 Que os já passados seculos envolve,  
 Recúa o tempo, e se descobre Roma,  
 Theatro immenso da soberba humana!

Eis do Mundo os despojos,  
 Eis da guerra os brazões, d' Heroes o premio,  
 As roubadas Pyramides ao Nilo,  
 Pelas nuvens mettidas,  
 Co' a desmedida móle a terra opprimem!

## XIII.

[\*] Eis Ob'lisco espantoso; a vista cança,  
 Se a immensa altura desde a base méde!  
 Em torno imagens esculpidas mostram  
 Apuro, e esforço de hum cinzel divino!

Ora entradas Cidades,  
 Ora descubro exercitos talhados:  
 [\*\*] Além pontes, correndo, o Araxes soffre;  
 Aqui do Hydaspe os Povos  
 Da Latina Potencia o jugo arrastão.

[\*] São as Notas pela maior parte impertinentes, mas muitas vezes também são indispensaveis, quando a composição vai cheia de erudição recondita, e ha por certo muita, relativamente a hum seculo, que he todo Gazetas. Este obelisco he a famosa columna de Trajano, que os Godos não mutilarão, foi desenterrada no Pontificado de Urbano VIII., e, em lugar da estatua de Trajano que tinha em cima, tem, ou tinha até agora a de S. Pedro; cousa que muito escandilhou o Senhor Du Paty! como se vê em suas cartas sobre a Italia.

[\*\*] *Et pontem indignatus Araxes*; bella imagem de Virgilio!

## XIV.

Eu vejo de Trajano o nome, e a glória,  
 Na columna fatal se immortaliza;  
 O brado he este das conquistas suas;  
 Assim se torna eterno em brônze, em jaspe!

Nos immortaes Emblemas  
 Da soberba Romana a imagem vive;  
 Não conheceo, mortal! da glória sua,  
 Mais que seu braço invicto  
 Poderoso instrumento, origem vasta.

## XV.

[\*] Eis lá vejo surgir máquina immensa,  
 Que em si riquezas das Nações esconde;  
 De Praxitéles, de Myron, de Fidias,  
 C' os entalhados Pórfidos se enfeita,  
 Que tu, barbaro Sylla,  
 A Athenas immortal roubaste outr'ora;  
 Que tu, das Artes inimigo, ó Mumio,  
 Da abrazada Corintho  
 Entre a cinza, entre o pó deixaste inglorio,

---

[\*] A Columna de Octaviano Augusto foi trazida do Egypto depois da batalha de Accio, e morte de Cleópatra; ainda se conserva em Roma; assim como o Arco do mesmo Augusto levantado depois da derrota de Bruto e Cassio: era adornado de Estatuas Gregas, que o Dictador Sylla trouxera do espantoso saque de Athenas; foi cuidadosamente conservado por Theodorico, e por sua filha Amalásunta. A exaltação de Octaviano foi o unico, porém o maior erro politico de Cicero, que o propoz aos Romanos como o unico meio de consolidar a Republica, e este meio foi a origem da ruina da Republica, e decadencia dos Romanos; causa que escapou a dous grandes homens, Gibbon, e Montèsquieu.

## XVI.

He de Augusto hum troféo, de Augusto hum Arco,  
 Em que a si mesmo aos seculos se mostra,  
 Se incauta Roma em Capitolio o cinge  
 De louro infausto á Liberdade, ao Mundo;  
     Se, em Accio, triunfando,  
 Vem, sem rival, já Déspota no Imperio,  
 E em vis cadêas traz formosa Egypcia,  
     A si se diviniza:  
 Chamão-lhe escravos seus Numen da Terra.

## XVII.

[\*] Oh que estupenda móle! O braço humano  
 Talvez não torne a levantar no Globo  
 Outra que em fausto equiparar-se possa!  
 Anfiteatro he teu, delicias, gosto  
     Do vasto Imperio, ó Tito:  
 Assim quizeste eternizar teu nome,  
 E chamar-te a ti só Numen da Terra;  
     Quando a Sião deixaste,  
 E a Palestina em solidões eternas!

---

[\*] O Anfiteatro de Tito, o mais soberbo monumento de Architectura que se conheceo no Mundo, ainda existe, posto que em ruinas, e he o primeiro objecto, que em Roma occupa os pensamentos do viajante Filósofo.

## XVIII.

Não volto os olhos, que não veja absorto,  
 Roma, em teu seio a vaidade erguida:  
 [\*] Eis de Severo o monumento augusto,  
 A que inda a mão dos seculos perdôa;  
     Nem gasta as aureas letras,  
 Que os teus triumphos immortaes acclamão,  
 Arco soberbo, que, passando, alçaste  
     Quando ao carro levavas,  
 Da Syria em ferros os Monarcas prezos.

## XIX.

[\*\*] Nem tu mesmo, Antonino, ó tu da idade  
 Dourada author nos seculos de ferro,  
 No manto da virtude envolto, eytas  
 Da vil soberba, e vaidade os golpes:  
     E's hum mortal, e hum Templo  
 A teus triumphos, e a ti mesmo elevas;  
 E's homem, [que cegueira!] hum Deos te acclamas;  
     De teu orgulho hum filho  
 He, que o decreta o Ceo, castigo, e pena!

---

[\*] O Arco de Septimio Severo, contra o poder do tempo, contra as invasões dos barbaros, e contra o espirito destruidor dos mais barbaros Vandales, os Francezes, ainda se conserva inteiro; nem a sua mesma inscripção está apagada, ou cega da idade.

[\*\*] Marco Aurelio Antonino, além da estatua equestre, se mandou levantar a si mesmo hum Templo, ou Basilica, que ainda se chama de Antonino. Foi author dos excellentes tratados de Moral, que escreveu em Grego, e ainda temos. Cómmodo lhe succedeo, reputado seu filho, mas era d'hum Gladiador, e de Faustina,

## XX.

Só tu, Religião, só tu podeste  
 Aos poderosos Arbitros da Terra  
 Mostrar que são mortaes, que a Deos sómente  
 Se deve adoração, se deve a gloria!  
 Triunfal Constantino,  
 Não tens no Imperio hum só rival, venceste,  
 Morre o rebelde filho, e a Gallia esconde  
 Co' as Legiões soberbas  
 Maxencio extincto n'hum sepulcro humilde!

## XXI.

Se tu, ó Povo de Quirino, os Arcos  
 Eternos, triunfaes a Heroes levantas,  
 Elle baixar dos Céos sente a victoria,  
 Elle ao Deos dos Exercitos eleva  
 [\*] A Vaticana móle,  
 Que sobrestante aos seculos existe;  
 Elle o ferreo alvião no louro envolto  
 Co' a dextra armi-potente  
 Eleva, e lança ao Vaticano as bases.

## XXII.

Só tu, Religião, só Deos conheces!  
 De Hebreo Monarca o Templo a Deos se eleva;  
 Quando, depondo a triunfante lança,  
 Não teve Povos que vencer na Terra,  
 Ao Senhor da Victoria  
 Troféos eternos Salomão consagra;  
 Então, dourada Paz dos Ceos baixando,  
 Em náos abrindo os mares,  
 C' os thesouros do Mundo o povo abasta.

---

[\*] Constantino depois da morte de Crispo, e derrota de Maxencio, abraçando o Christianismo, lançou com suas mãos Imperiaes a primeira pedra no Templo de S. Pedro.

## XXIII.

Porque busco o Jordão, se o Têjo habito?  
 He só do Têjo o tumido Oceano,  
 E sente o Ganges despregar-se as Quinas;  
 Persia, Arabia, Indostão, Japões, o Globo,

Do Lusitano Sceptro

O jugo, a potestade, as leis acceitão;  
 De lá mandão baixeis pejados de ouro,

E las lucidas Safiras

Vem do Pegú resplandecer no Têjo!

## XXIV.

Deos Immenso, Immortal, tu déste ao Luso  
 Na conquista os troféos, na guerra a gloria;  
 E o Luso a ti consagra a gloria, os tymbres!  
 Ah! d'onde quer, que agora os pés triunfantes

Vais movendo na Europa,

Magnanimo Alexandre, os olhos voltos  
 Onde c' o vasto Oceano entésta o Têjo;

Eis sagrado Modélo

Assim farás, assim farás no Néva.

## XXV.

Tão valente, qual tu, Manoel tão grato  
 Aos Povos, ás Nações, aos Ceos, ao Mundo,  
 Do Oriente vencido, ao Deos Eterno  
 Que testemunho portentoso eleva!

Dos arqueados tectos

Pende em bronze immortal Mundana Esféra;

Deo-lhe nella o poder do Templo o Numen;

Elle os baixeis potentes

Fez correr, fez tornar do Globo em róda.

## XXVI.

Nesse, que mandas consagrar, sublime  
 Templo, brazão da piedade tua,  
 Em que immortal teu nome exista, e viva,  
 Oh! que padrões maravilhosos vejo!

Mandas que em finos jaspes,  
 Que do seio te envia a Oural montanha,  
 Se grave a imagem de teu vasto Imperio  
 As perfidas cadêas  
 Da escravidão despedaçando ufana.

## XXVII.

Mandas, que em tórpe abatimento envolto,  
 [Não te dediches do sublime Emblema]  
 Em fôrma de Hydra, ou peçonhenta Serpe,  
 A teus pés se revolve o Monstro infausto;

Da livida garganta  
 Golfando em borbotoes o atroz veneno  
 Com que empestára a miseranda Europa;  
 Tu diamantina clava  
 Descarregando na espantosa frente.

## XXVIII.

E n'outro lado tu cõ' a mão triunfante  
 Alçando o ramo da profícua Oliva:  
 Em quanto os raios teus na Gallia chovem,  
 A' paz, á liberdade a Europa chamas.

E, o braço esquerdo alçando,  
 Ah! não te esqueça de mostrar que acenas  
 Da quarta parte nova ao Reino augusto,  
 E que chamas, que trazes  
 Ao patrio Téjo . . . a quem . . . O amor dos Lusos.

## XXIX.

Mandas, que em bronze resplendente erguido,  
 Em mais luzidos pórfidos, em ouro,  
 Te affigure o Cinzel do Tibre dando  
 A triplice corôa ao velho, ao santo  
     Apostolo captivo;  
 A' Italia as Artes, domicilio aos Sabios,  
 A' Hollanda a magestade, á Prussia hum throno,  
     Ao convulso Germano  
 Honra perdida, e retalhado Imperio.

## XXX.

Que Tito então, ou que Adriano pôde,  
 Senhor, contigo assimilhar-se em gloria?  
 O' da Terra ornamento, ó tu da Europa  
 Libertador no seculo dos crimes!  
     Tens duas mãos; em quanto  
 Lanças com huma a base ao Templo augusto,  
 Não deponhas da outra a invicta espada;  
     De victoria em victoria  
 Vem ao Sena dar leis, e aos Astros vóa.

## XXXI.

Vóa co' a fama, e co' a presença o Mundo,  
 Alexandre, Alexandre, eia, ennobrece!  
 Verás, verás, Senhor, [se agora escutas  
 A Pindarica Lyra em tons sublimes  
     Eternizar teu nome,]  
 Como nas mãos sustento E' pica tuba,  
 E, em canto que o Meónio iguale, ou vença,  
     Fazer que ao Mundo lembre,  
 Alexandre, e Goffredo, e o mais esqueça.